

A ESCRITA DA HISTÓRIA: ASPECTOS DA CONSTRUÇÃO DO PASSADO NOS TEXTOS HISTÓRICOS DA BAIXA IDADE MÉDIA

The Writing of History: aspects of the construction of the past in the historical texts of the late Middle Ages

Keila Natacha Silva de Lima Araújo
Doutoranda em História
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
E-mail: keilanlima3428@gmail.com

Recebido em: 28/10/2021
Aprovado em: 01/03/2022

Resumo:

Nos anos da chamada Idade Média, a escrita da história se desenvolveu ancorada em saberes produzidos no mundo greco-romano, bem como apoiava-se na noção de tempo referente à tradição cristã, além de discorrer sobre os grandes feitos militares, os quais os escritores julgavam digno de nota. Diante disso, este trabalho investiga, a partir do desenvolvimento das crônicas régias portuguesas, de fins do período medieval, o papel do registro histórico na construção de um ideal de passado glorioso, principalmente quando a narrativa se ocupava em discorrer sobre a ascensão de determinadas casas nobres, e posteriormente, dinastias reinantes. Por fim, trata-se sobre a importância do texto no processo de diferenciação entre as gentes, isto é, ao discorrer sobre um determinado povo, a produção histórica colaborou com o estabelecimento de uma ideia de alteridade.

Palavras-chave: História – Crônica – Produção de Saberes.

Abstract:

In the years of the period known as Middle Ages, the writing of history was developed anchored in knowledge produced in the Greco-Roman world, as well as supported by the notion of time referring to the Christian tradition, in addition to discussing the great military feats, which the writers thought worthy of note. Therefore, this work investigates, from the development of Portuguese royal chronicles from the end of the medieval period, the role of the historical record in the construction of an ideal of glorious past, especially when the narrative was occupied with discussing the rise of certain noble houses, and later, reigning dynasties. Finally, it is about the importance of the text in the process of differentiation between people, that is, when talking about a certain people, the historical production collaborated with the establishment of an idea of otherness.

Keywords: History – Chronicle – Production of Knowledge.

Introdução

O objetivo deste trabalho é analisar de que forma as ruínas da antiguidade, elementos presentes na Idade Média, foram interpretadas e agenciadas por Tolkien em sua escrita de fantasia e seus trabalhos como acadêmico. Isto é, como Tolkien leu estes elementos. A ruína trata da ideia de civilização em decadência, fim dos tempos e milenarismo, presentes também na arte e escrita medievais, com foco na Alta Idade Média. Cotejaremos estes dois temas buscando demonstrar como estes foram utilizados tanto pelo Tolkien escritor de fantasia quanto pelo Tolkien acadêmico. A apropriação da Idade Média histórica está dentro do campo de estudos conhecido como neomedievalismo, que dentro de diversas conceituações aqui neste artigo é visto como a apropriação de elementos da Idade Média por obras de fantasia contemporâneas, tais como a obra de J.R.R. Tolkien. Este artigo, além destas preocupações, contempla a preocupação sobre a popularização da Idade Média fantasiosa como instrumento de aprendizado sobre a Idade Média tal qual se estuda dentro da ciência histórica.

(Neo) medievalismos

O termo *neomedievalismo* apresenta uma longa história e uma pluralidade de conceitos diferentes ao longo deste percurso, priorizando certos aspectos conforme os autores se debruçaram sobre o tema. Há diversos outros autores que debatem a temática com mais profundidade como (CERNY, 1998), (HOLSINGER, 2007) e diversos outros. A temática também aparece também recentemente em diversas publicações no Brasil, de diversos pontos de vista, como por exemplo a revista *Antíteses* de 2020 (ALTSCHUL e GRZYBOWSKI, 2020). Neste artigo o termo será utilizado tal qual o conceito cunhado por Umberto Eco, como o simples uso da Idade Média histórica como base para a criação de um mundo de fantasia, sobretudo em literatura, tal qual feito por Tolkien em sua obra de fantasia (ECO, 1986: 61-72).

J. R. R. Tolkien vida e obra

J. R. R. Tolkien (1893-1972) é o celebradíssimo autor do legendário de fantasia da Terra-média. Seus livros “O Senhor dos Anéis” (1954-1955) e “O Hobbit” (1937), influenciaram a criação da chamada literatura de fantasia medieval e a cultura pop global em geral através das adaptações e influências. Além disso, Tolkien carreira de sucesso como acadêmico e anglo-saxonista. Tolkien foi professor de literatura medieval inglesa na University of Leeds e depois professor de inglês antigo na University of Oxford, inclusive com ensaios fundamentais sobre o tema (SHIPPEY, 2000: 175). O ensaio “The monsters and the critics”, originalmente uma palestra proferida em 1936 (TOLKIEN, 1983: 5-48), ainda é referência fundamental para o estudo do poema Beowulf (BRITO FILHO, 2014). A tradução de Tolkien do poema Beowulf foi publicada postumamente por seu filho Christopher Tolkien baseada nos manuscritos do autor, em 2014 (TOLKIEN, 2014).

Tolkien, a ruína e as ruínas

Além do uso evidente do ambiente medieval emulando-se à Idade Média histórica em seus escritos de fantasia, há um elemento cultural, recorrente em diversas obras de artes dos mais diversos gêneros e períodos em um sentido antropológico, que é o mito da idade do ouro. Na própria Idade Média, sobretudo alta Idade Média há uma ideia recorrente de que a antiguidade seria essa a era de ouro da civilização ocidental, tanto em sentido do esplendor da arte greco-romana quanto do início do cristianismo. Uma explicação para este apelo recorrente da idade do ouro nas artes é o “sucumbir aos apelos da idade do ouro é retornar a um estado ‘natural’, é sucumbir à natureza” (HAUSER, 1951: 16). Para outro historiador da arte fundamental, Pafnofsky:

“houve, desde o início da especulação clássica, duas opiniões contrastantes sobre o estado natural do homem (...) Uma visão, denominada primitivismo ‘suave’ (...) concebe a vida primitiva como uma idade de ouro de abundância, inocência e felicidade - em outras palavras, como a vida civilizada purgada de seus vícios. A outra forma ‘dura’ de primitivismo concebe a vida primitiva como uma existência quase subumana cheia de sofrimentos terríveis e desprovida de todo conforto - em outras palavras, como uma vida civilizada despojada de suas virtudes”. (PAFNOFSKY, 1955: 297-298).

A Antiguidade Clássica se encaixaria, portanto, na primeira visão, recorrente na Idade Média. A fantasia medieval tolkeniana traz as ruínas do mundo da terra média como resquícios arruinados que lembram a “antiguidade” daquele mundo, uma época de prosperidade, a idade do ouro deste mundo de fantasia.

A palavra nostalgia surgiu no século e compostapor: *nostos* - νόστος, que é o retorno do herói à sua casa, do grego homérico; mais *álgos* - ἄλγος, também do grego, que significa dor. A palavra foi criada por Johannes Hofe em 1688 para explicar o sentimento dos soldados que estavam em guerra e desejavam retornar às suas pátrias. Desde então, ganhou uma significação mais ampla de quaisquer sentimentos por um passado em que as coisas seriam mais simples ou fáceis (BOYM, 2016: 28). A nostalgia, portanto, mobiliza o desejo de retorno à Idade do Ouro. A fantasia medieval tolkeniana mobiliza a nostalgia duplamente, a nostalgia da Idade Média como época inocente, e a nostalgia intrínseca à própria Idade Média, como época que sente nostalgia pela antiguidade clássica, cristã ou não. Espelha-se no leitor atual da obra tolkeniana uma nostalgia pela idade do ouro medieval, tal qual o personagem de sua fantasia medieval sente a nostalgia pela “antiguidade” da Terra- média, o continente inventando por Tolkien como palco de suas sagas. Porém, o presente em oposição, tanto para o leitor, quanto para os personagens tolkenianos de O Senhor dos Anéis, vivem em um momento de decadência civilizacional, emulando-se certa visão romântica sobre a Idade Média. A Idade Média como período da decadência faz-se presente na mitologia tolkeniana. Lembrando-se que segundo Le Goff, sobre a decadência, esta palavra surgiu no período medieval. A palavra *decadentia* surge num contexto cristão medieval como oposição à ideia de *reformatio* ou de *correctio* aplicado tanto à sociedade de uma forma “laica” quanto “religiosa”. Destacamos que neste mesmo clássico da metodologia histórica, Le Goff debate o conceito de *monumento* comparando com o *documento*. Tolkien mobiliza monumentos fictícios desta antiguidade fantasiosa e sua perpetuação involuntária na história da Terra-média (LE GOFF, 1982: 525-541). Sendo assim, a *decadentia* do presente é irmã e causadora da nostalgia que o público leitor sente por esta Idade do Ouro, assim como os personagens tolkenianos sentem-se com relação ao passado da própria Terra-média. A decadência melancólica, a morte iminente da sociedade do presente, causa a nostalgia pela glória do passado testemunhada pelos monumentos do passado, agora transformados em ruínas.

Em um dos seus ensaios, Tolkien afirma que o poema inglês alto-medieval *Beowulf* seria uma obra com sabor de funeral, uma obra literária amarga: “[Alguns críticos falam como se]...*Beowulf* fosse uma cerveja de mesa fraca. No entanto, se o mesmo fosse uma cerveja, seria uma bebida escura e amarga, uma ale funerária com o sabor da morte”.(TOLKIEN, 1983: 49).

Apesar de não discorrer sobre o tema das ruínas, o tom funeral, a ideia da arte como repositório de um mundo que já morreu, como um canto funerário, perpassa sua obra. Para tanto, no ensaio em *Monster and the Critics* a alegoria sobre *Beowulf* e o passado em ruínas vai além desta noção melancólica da arte como ruína. Tolkien descreve a acumulação de temporalidades presentes em *Beowulf* da seguinte forma:

“um acúmulo de pedras velhas "em um campo, parte da qual também tinha sido usada para construir a casa em que o homem realmente vivia," não muito longe da velha casa de seus pais"(ou seja, a ruína). Mas seus amigos vieram, notaram imediatamente que a torre era feita de pedras mais antigas e laboriosamente derrubaram a torre para examinar as pedras, procurar entalhes nelas, prospectar carvão e assim por diante. Então, alguns deles reclamaram que a torre estava uma bagunça terrível, enquanto até mesmo os descendentes do homem murmuraram que ele deveria ter passado seu tempo não construindo a torre, mas restaurando a ruína. Mas do topo daquela torre, o homem foi capaz de ver o mar. (TOLKIEN, 1983: 7-8)

“As velhas pedras” (a ruína) eram os restos de uma poesia oral pagã da qual o compositor de *Beowulf* conheceu. “A casa que o homem vive”, também construída com “restos da ruína” é a poesia cristã contemporânea ao *Beowulf*, por exemplo os poemas de Junius 11 (BRITO, 2018). “A torre” é o poema *Beowulf* em sua forma final. “O homem”, é o autor, o compositor do poema *Beowulf*. Os “amigos que derrubaram a torre” são os críticos do século XIX que focaram-se apenas em apontar onde o poema havia dado errado. Os “descendentes do homem” são os críticos britânicos como de fins do século XIX e início do XX, que rejeitam a dissecação do poema, mas preferiam um épico histórico e não um conto de fadas sobre dragões e monstros. (SHIPPEY, 2000:175). Portanto, para Tolkien, o que caracteriza a arte literária medieval é a sensação melancólica das ruínas, tal qual pensado pelos românticos do século XIX (PEREIRA, 2011). Além disso, ao focar nos monstros e não no herói simplesmente, Tolkien interpreta que em *Beowulf*, os monstros aparecem três vezes, o que pode ser entendido como significando que eles estão associados ao início, ao meio e ao fim, ou seja, a toda a experiência da vida (WICHER, 2013: 273).

Há diversos outros elementos na construção da história fantásticas da terra média que emulam elementos anteriores. Por exemplo, Númenor é esta civilização insular ancestral que desaparece sob a águas, emulando Atlântida e Grécia por sua ascendência ante os povos de Gondor (CARPENTER, 1981: 227). As linhagens dos reis de Gondor, herdeiros sobreviventes de Númenor, misturam de certa forma elementos da vida de Enéias, das poesias homéricas com o bíblico Noé. Elementos estes presentes de alguma forma, por exemplo na Inglaterra alto-medieval onde há uma mistura entre Antigo Testamento e passado pagão, quando os reis têm como antepassados linhagens bíblicas e deuses pagãos germânicos, com uma cronologia que contempla eventos do Império Romano, como se vê na *Anglo-Saxon Chronicle*. Anzelark fala da relação entre os mitos de Noé, grande inundação e a Inglaterra alto-medieval (ANZELARK, 2006). Staley escreveu como a autoconsciência dos ingleses sobre a geografia insular das Ilhas Britânicas moldou seu pensamento através dos séculos desde a Alta Idade Média (STALEY, 2012). E há a ideia, presente sobretudo em *O Senhor dos Anéis*, de que o esplendor de Gondor, voltará trazida pelo retorno do rei. Denethor II, regente de Gondor, é um guardião à espera do retorno do rei por direito, que restaurará algum dia uma pequena parte da glória de Gondor, tal qual a Roma medieval traz consigo a promessa do retorno da Roma Imperial da antiguidade. Desta forma, o um anel, forjado por Sauron para dominar a tudo é a ruína de Isildur, que causou a quebra da linhagem dos reis de Gondor, a Roma da Terra-média (TOLKIEN, 2001: 246). O outro reino humano sobrevivente, Rohan é evidentemente inspirada na Inglaterra alto-medieval não só linguisticamente, mas em sua descrição de cenários. O rei dos rohirrim, Theoden tem seu trono em um grande salão de madeira descrito em *Senhor dos Anéis* exatamente como o salão real do rei Hrothgar em *Beowulf*. A Inglaterra da Alta Idade Média se pensa como satélite da capital espiritual e civilizacional cristã: Roma. Em *O Senhor dos Anéis* a rural Rohan vive esta mesma relação com a Gondor. Gondor perdeu todo o seu esplendor do passado, mas ainda conta suas muralhas de pedra e o simbolismo das glórias do passado, tal qual a Roma medieval. Howe demonstra como Roma era a capital espiritual da Inglaterra alto-medieval (HOWE, 2004).

O Renascimento, ou a primeira modernidade, sempre é apontando como o grande vilão dos medievalistas, por ter criado a ideia de que a Idade Média seria uma negação do passado clássico. Diversas pesquisas nos últimos anos demonstram o quanto isso não é

verdade, especialmente os estudos da chamada Antiguidade Tardia de Walter Pohl e Peter Brown, que buscaram demonstrar como há uma continuidade entre a civilização clássica e a Alta Idade Média. O Conceito de Antiguidade Tardia de Henri-Irenee Marrou e Peter Brown, diferente da ideia de ruptura da Civilização Romana Ocidental com a invasão Bárbara e a subsequente ideia de trevas, onde somente no renascimento estes valores civilizacionais e culturais da Antiguidade Clássica seriam retomados. Para os defensores da Antiguidade Tardia, a ideia de uma transição gradual onde os elementos que reconhecemos como “medievais” já estavam presentes no Império Romano, e outros elementos reconhecidamente clássicos permaneceram presentes por séculos nos primeiros reinos da Europa Ocidental cristã após a queda do Império Romano do Oriente. Diversas pesquisas nos últimos anos demonstram o quanto isso não é verdade, especialmente os estudos da chamada Antiguidade Tardia de Walter Pohl e Peter Brown, que buscaram demonstrar como há uma continuidade entre a civilização clássica e a Alta Idade Média. (AMALVI, 2006: 537-552). Dentro desta tentativa de continuidade entre Império Romano e Europa cristã há alguns elementos além do elemento material das ruínas, há os elementos das ideias, nos quais se busca uma continuidade entre as sociedades cristãs da Europa Ocidental e as glórias do Império Romano. A *Translatio imperii* ou *Renovatio imperii Romanorum*, a ideia de que uma transmissão do poder romano ao monarca cristão, sobretudo o poder temporal. A doação de Constantino documento forjado entre 750-760 para justificar a transferência do poder temporal do Império romano ao monarca franco. Essa continuidade se dá também pela *Translatio Studii*, na qual o clero, a igreja de Roma é a guardiã e continuadora da memória e do conhecimento do Império Romano. (PARISSE, 2006, 601-620). Além do pensamento, a materialidade das construções cristãs demonstra uma continuidade entre a monumentalidade do Império Romano transferida do Império para a Basílica cristã: “(...) para a mente medieval, a antiguidade clássica estava muito distante e ao mesmo tempo muito fortemente presente para ser concebida como um fenômeno histórico”. (PANOFSKY, 1970: 77).

A permanência de casas carolíngias, do tipo *domus solarata*, com dois pisos, mostra o reaproveitamento de colunas e capitéis de mármore da época romana. Os lombardos na Itália, que habitaram paisagens onde os edifícios romanos de pedra, as ruas e todo um sistema econômico e social ainda se faziam tão presente. A “glória” de Roma

estava entre os romanos antes de sua entrada no império romano, e se fazia presente em seu cotidiano, mesmo após a queda deste. (JARNUT, 2018: 425)

A própria arquitetura das igrejas tantas do período pré-românico (carolíngio, otoniano, visigótico, moçárabe, asturiano e outros) quanto românico, misturam o estilo romano tardio com bizantino e buscam, ainda que aos olhos contemporâneos pareçam tão apartados, uma tentativa de emular a monumentalidade romana na arquitetura. Na Inglaterra alto-medieval, o estilo pré-romano “anglo-saxônico” se fará presente, pois o estilo românico somente será trazido pelos normandos após 1066. Na Inglaterra alto-medieval haverá uma influência das primeiras basílicas romanas num primeiro momento e mais tardiamente o surgimento de algumas características tipicamente locais como pilastras com tiras, arcadas em branco, eixos de balaústre etc. Somente no fim do período influência do românico continental (FERNIE, 1983).

Além destas, há diversas dimensões de conexão entre a Inglaterra medieval e o passado romano através da monumentalidade das construções romanas presentes nas Ilhas Britânicas, mas também alimentados via Igreja Católica, com a reapropriação do prédio de pedra da antiguidade através das construções de novas igrejas de pedra. A Britânia Romana estava presente na paisagem inglesa medieval. Ruínas como as da cidade de Bath no Sudoeste e a Muralha de Adriano eram visíveis aos ingleses do século X, como ainda o são até hoje.

Construída em 122 para proteger a fronteira norte do Império Romano, a Muralha de Adriano não era apenas uma simples barricada; era uma zona militar ocupada intensamente e uma zona multicultural de povoações, estendendo-se do Mar do Norte ao Mar da Irlanda. Suas ruínas ainda hoje impressionam e se fazem presentes na paisagem do norte da Inglaterra o poder do Império Romano. Há registros da utilização da Muralha de Adriano como referência geográfica e como forte pelos anglos como demonstram os registros arqueológico, através da distribuição de artefatos dos anglos ao longo da muralha, séculos depois da queda da Britânia romana (COLLINS, 2012: 167). Segundo Bidwell, as ideias de Beda e Gilda sobre este passado romano perpassaram a Inglaterra alto-medieval. O reuso de pedras de ruínas romanas para construir igrejas no período após a conversão à cristianização dos anglo-saxões pode ser provado, entre outros exemplos, pela construção da cripta da Igreja de Hexham (BIDWELL, 2001: 131-134). A existência destes outros prédios romanos visíveis na paisagem da Inglaterra alto-medieval são um

fator poderosíssimo na memória deste passado e nas relações culturais, sociais e políticas do período, na construção da unidade inglesa idealizada por Alfred, the great, e alcançada durante o reinado dos reis seguintes. Traduções do passado, construção da Inglaterra. A retomada do passado romano se faz também quando no período alfrediano há a tradução de obras do latim para o idioma vernáculo. No Europa continental há também perto do ano mil esse movimento de construção e reformas de igrejas em Reims, Tours, Orleans, por exemplo (DUBY, 1967:187-92).

Há dois momentos fundamentais nas quais a construção e reconstrução de prédios de igrejas na Inglaterra alto-medieval remetem a esta tentativa de afirmar o poder do rei da recém criada unidade política da Inglaterra (MILBURN, 1988: 294-295). O primeiro é a construção e inauguração da Nova Catedral de Winchester em 899 por Edward, the Elder, filho de Alfred, the great. E no fim do século X a refundação ou reforma, por Edgar, the Peaceful, da Nova Catedral de Winchester em 996 (MARAFIOTI, 2014). Ambos os movimentos carregam um imenso investimento na monumentalidade da Igreja para reafirmação do poder temporal do rei inglês sobre um território recém-unificado, etnicamente diverso e possivelmente rebelde a um poder central (BRITO FILHO, 2018). O uso do poder de novas construções de prédios religiosos está presente não apenas na capital, Winchester mas em diversas outras construções da paisagem inglesa alto-medieval, como Cheddar, Goltho, Steyning e Little Paxon. Todas estas construções trazem um investimento na monumentalidade como parte da afirmação do poder das elites da Inglaterra. (SEMPLE, 2013: 211-212) No reinado de Edgar, o uso do passado em geral, mas especialmente do passado romano como local de apresentação simbólica de seu poder se fará ainda mais evidente. De acordo com a *Anglo Saxon Chronicle*, Edgar, the peaceful, foi consagrado em Bath em 973 e coroado em Chester em 975, locais famosos por suas ruínas romanas. Especialmente Bath onde até hoje se preserva um local onde as melhores construções romanos-britânicas foram preservadas nas Ilhas Britânicas. (BATELY, 1990). Edgar, the peaceful, não foi o primeiro rei ou nobre a usar antigos monumentos do passado como cenário de suas atividades reais e se conectar com a autoridade imperial de Roma. Porém, na Inglaterra alto-medieval, no reinado de Edgar o uso quase que teatral das locações romanas atingiu seu nível mais alto (SEMPLE, 2013: 212), (BARROW, 2001: 81-93).

Além de todo este cenário macro de como as ruínas e o passado da antiguidade da Terra-média é utilizado por Tolkien para criar este sentimento de nostalgia e criar sua Idade Média de fantasia com verossimilhança de uma Idade Média histórica, sobretudo inglesa, ressaltaremos aqui algumas passagens especiais de sua obra mais conhecida, *O Senhor dos Anéis* em que Tolkien coloca os protagonistas de suas histórias de frente com as ruínas da “antiguidade” da terra-media.

Inspiradas pela ideia das colunas de Hércules da Antiguidade, a aparição dos imensos *Argonath* ou Portão dos Reis é narrada de forma muito detalhada acompanhado dos sentimentos que a visão destas imensas estátuas provoca nos personagens. Mesmo que sejam estátuas arruinadas, elas transmitem a grandiosidade dos reis do passado. O personagem Frodo sente um misto de admiração, temor, melancolia:

“Guardiões silenciosos de um reino há muito desaparecido, tinham ainda grande força e majestade. Dominado pelo medo e pela admiração, Frodo se encolheu, fechando os olhos e não ousando olhar para cima, enquanto o barco se aproximava”. (TOLKIEN, 2001: 877)

Em outro trecho, chamado de Rei da Encruzilhada Frodo, Sam e Gollum encontram uma estátua de um dos antigos reis de Gondor com a cabeça decepada pelos monstruosos orcs. Os personagens principais sentem-se com relação a esta iconoclastia dos antigos e grandiosos reis de um Império que hoje está em ruínas, sem um rei, Gondor.

A breve luz bateu num enorme vulto sentado, parado e solene como os grandes reis de pedra dos Argonath. Os anos o haviam roído, e mãos violentas o tinham mutilado. cabeça se fora, e em seu lugar estava colocada em arremedo uma pedra redonda e áspera, rudemente pintada por mãos selvagens à semelhança de um rosto sorridente com um grande olho vermelho no meio da testa. Sobre os joelhos e sobre a cadeira imponente, e ao redor de todo o pedestal, havia garranchos ociosos, misturados aos símbolos grosseiros usados pelos vermes que habitavam Mordor.

De repente, capturado pelos raios horizontais do sol, Frodo viu a cabeça do velho rei: rolara e jazia ao lado da estrada.

— Olhe, Sam! — disse ele, falando impelido pelo espanto — Olhe! O rei está coroadado outra vez!

Os olhos estavam vazados e a barba esculpida quebrada, mas ao redor da fronte alta e austera havia uma grinalda de ouro e prata. Uma planta rasteira com flores semelhantes a pequenas estrelas brancas se enredara através da fronte, como se em reverência ao rei caído, e nas rachaduras de seu cabelo de pedra reluziam saíões [folha-da-fortuna] amarelos.

— Eles não podem conquistar para sempre! — disse Frodo.

Então, de repente, a breve luz desapareceu. O sol afundou e sumiu e, como quando se apaga uma lamparina, caiu a noite negra. (TOLKIEN, 2001: 832)

Desta forma, Tolkien não só apresenta este cenário de ruínas de um grande império que se acabou pelo mal do inimigo Sauron e seus orcs, como ele coloca simbolicamente a luz sob a cabeça decepada do rei, simbolizando o retorno do Rei e da glória de Gondor, tal qual Edgar, the peaceful, e outros soberanos ingleses e europeus fizeram durante a Idade Média para evocar sua conexão com o passado do Império Romano. A Britânia Romana é considerada uma das províncias submersas do Império romano do Ocidente, assim como as do norte da África. Ainda assim, os ingleses entre 410 e 1066 conviveram não só com elementos romanos remanescentes dentro de sua cultura, sobretudo após a cristianização advinda da Irlanda e de Roma, mas também visualizando em seus territórios as ruínas do Império Romano, em estátuas, monumentos arquitetônicos etc. Sendo anacrônico, uma nostalgia do Império Romano, ainda que em obras como o poema abaixo, a Ruína, não se nomeie quem são os gigantes citados no poema.

Wrætlic is þes wealstan, wyrde gebræcon; /burgstede burston, broснаð enta geweorc. / Hrofas sind gehrorene, hreorge torras, / hrungeat berofen, hrim on lime, / scearde scurbeorge scorene, gedrorene, / ældo undereotone. Eorðgrap hafað / waldend wyrhtan forweorone, geleorene, / heardgripe hrusan, oþ hund cena / werþeoda gewitan. Oft þæs wag gebad / ræghar ond readfah rice æfter oþrum, / ofstonden under stormum; steap geap gedreas.

Tradução: Esta construção [de pedra] é maravilhosa, o destino destruiu-a -a/ Os pavimentos do pátio foram destruídos; o trabalho dos gigantes se deteriora./ Tetos caíram, torres estão em ruínas,/ o portão gelado com gelo no cimento está destruído,/ telhados lascados estão quebrados, caídos, /minado pela velhice. O domínio da terra possuiu / os poderosos construtores que pereceram e caíram, / o duro domínio da terra, até cem gerações /de pessoas partiram. / Durante muito tempo, estas paredes, com líquen-cinza e manchado de vermelho, / experimentaram um reinado após o outro, / permaneceram firmes sob as tempestades / até que o portão alto e largo desabou. (WILLIAMSON, 2017: 304-305)

A palavra *enta*, gigantes, em inglês antigo, provavelmente é a inspiração de Tolkien para a criação do nome dos entes, seres fantásticos que são árvores antropomórficas, simbolizando um passado anterior aos homens que agora as destroem em O Senhor dos Anéis. Da mesma forma que a espada encontrada por Beowulf na caverna subterrânea onde Grendel e sua mãe habitavam de um passado distante. A espada com que Beowulf mata a mãe de Grendel é nomeada no verso 1557 do poema Beowulf como “ealdsweord eotenisc”, o trabalho dos gigantes antigos, em inglês antigo (BRITO FILHO, 2014: 89).

Desta forma, o mito da Idade do Ouro se reafirma, pois estes “entes” na ficção tolkeniana são parte da natureza, uma espécie de elo perdido entre homens e plantas. Há uma visão tradicional de que este “trabalho dos gigantes” poderia ser uma antiga cidade romana tal qual Bath, mas ainda frequentada pelos ingleses que se perguntavam o que seriam aquelas ruínas de pedra majestosas.

Senectus Mundi: o mundo está velho

Outro aspecto há que se levar em conta na visão que o medievo apresentava acerca da Antiguidade Clássica aproveitada por Tolkien direta ou indiretamente é a visão agostiniana de *Senectus Mundi*. Seus escritos e ideias influenciaram toda o pensamento medieval acerca de diversos assuntos, dentre eles a contagem do tempo “histórico”. Para Santo Agostinho o mundo, tal qual o homem, possuiria seis idades: *infantia*, *pueritia*, *adolescentia*, *iuventus*, *gravitas*, *senectus*, como ele menciona em seu *De diversis Quaestionibus*, LVIII (Le Goff, 2003; 386). Pensando primeiramente sobre a construção de suas narrativas ficcionais, Tolkien concebe em seus escritos o conceito de *eucatastrophe*, uma boa resolução de conflitos. A *eucatastrophe* segundo o próprio Tolkien, seria uma espécie de virada em uma trajetória de final que poderia terminar em desastre, uma espécie de *deus ex machina* que acaba partilhando de uma visão quase que agostiniana da história humana na terra. Tolkien explica que a *eucatastrophe* é o contrário de tragédia, tão presente nos contos de fada. Assim ele põe um final feliz em suas narrativas como recompensa estética. Além disso, como católico praticante, Tolkien, defende que a encarnação de Cristo é a *eucatastrophe* da História Humana e a Ressureição de Cristo é a *eucatastrophe* da Encarnação (TOLKIEN, 1983: 156). O final de *O Senhor dos Anéis*, onde, apesar da falha de Frodo, o Um Anel é finalmente destruído ou a recorrente aparição de águias salvam os protagonistas da morte certa são exemplos de *eucatastrophe*. Para Tolkien, assim como Agostinho de Hipona, o mundo está inevitavelmente piorando, com lampejos do mundo antigo, que era muito melhor do que o atual. A diferença é que para Tolkien é o otimismo. Tolkien é pessimista com relação ao futuro da humanidade e transmite este pessimismo para seus escritos de fantasia. A visão narrativa “histórica” do mundo da Terra-média caminha para o fim daquela era mágica, para a tragédia, ou seja, mundo está velho, ou seja, *Senectus mundi*.

Assim como uma das charadas de Gollum nas Advinhas no escuro feitas a bilbo: “Essa é coisa que tudo devora / Fera, aves, plantas, flora. / Aço e ferro são sua comida, / E a dura pedra por ele moída; / Aos reis abate, a cidade arruína, / E a alta montanha faz pequenina”. (Tolkien,). Bilbo com medo de ser devorado pelo Gollum pede mais tempo: “ ‘Mê dê mais tempo! Mê dê mais tempo!’ Mas tudo o que saiu num grito repentino foi: -Tempo! Tempo! Bilbo se salvou por pura sorte. Pois essa, é claro, era a resposta.” (TOLKIEN, 2013: 77-78 .). O tempo transforma tudo em Ruínas. As charadas de Gollum assemelham-se as Anglo Saxon Riddles, charadas inglesas alto-medievais inspiradas em textos latinos anteriores, mas cheias de elementos e cores “locais” inglesas, com charadas diferentes dos textos originais. Esta charada de Gollum parece-se muito com uma das charadas ingleses presente no *Exeter Book*. A número 39 (ou 4), que muitos autores dizem que a resposta pode ser o sonho, a morte, as nuvens, a fala, a fé, o dia a lua, um cometa ou até mesmo, o tempo, tal qual a charada de Gollum:

Os escritos nos dizem que essa coisa existe, / entre a humanidade por muitas idades / claro e manifesto. Um poder especial / que é muito maior do que qualquer coisa que o homem conheça./ Busca todos os seres vivos / um por um; então segue seu caminho; / nenhuma noite permanece no mesmo lugar; / mas os sem-teto vagam para sempre / no caminho do exílio. Não é a mais pobre./ Não tem pé nem mão, nem toca o chão, / nem dois olhos, nem boca, nem fala com os homens. / Não tem mente, mas os livros dizem / que é a mais pobre de todas as criaturas / que sempre foram gerados de acordo com a natureza. / Não tem alma nem vida, mas segue seu caminho / longo e por todo este mundo maravilhoso / não tem sangue, nem osso, mas dá ajuda e conforto / para muitos homens em todo o mundo. / Nunca chegou ao céu, nem ao inferno/ mas, para sempre, deve viver de acordo com os ensinamentos / do Rei da Glória. / Seria muito longo relacionar/ como será seu modo de vida depois desses / caminhos tortuosos do destino. / É um ser maravilhoso, e é verdade / tudo que é dito com palavras sobre ele / Não tem limites, mesmo assim, ele vive./ Se você puder resolver este enigma / Imediatamente/ com palavras verdadeiras / diga como ele se chama. (BAUM, 1963: 7)

Parece-nos que a resposta mais apropriada para esta charada seja o tempo, tal qual a charada de Gollum. Ou ainda, assim foi interpretada por Tolkien, a ponto de utilizar ideia semelhante. Sendo assim, a finitude das coisas trazida pelo tempo, é o agente invisível que envelhece a Terra-média e a faz tornar-se cheia de ruínas.

Autores bretões como Nênio e Gildas, e ingleses como Beda e Wulfstan of York partilharam desta visão agostiniana de que o mundo está velho, em ruínas e que o fim está próximo. Wulfstan de York expõe além do *Senectus Mundi* o milenarismo medieval em seu Sermão dos Lobos aos ingleses em 1014:

Caros homens, saibam que isto é verdade: este mundo está se precipitando e se aproxima do fim! Por isso, as coisas neste mundo quanto mais duram, mais pioram. E assim, devem necessariamente, devido aos pecados do povo, dia após dia, antes da vinda do Anticristo, piorarem ainda mais rapidamente. E, de fato, estas coisas espalhar-se-ão terrivelmente e cruelmente através do mundo. Também entendam bem que o diabo desviou por muitos anos esta nação até os dias de hoje e a pequena lealdade esteve entre os homens, ainda que eles falassem sobre o bem. E os crimes reinaram sobre a terra, e muitos dos homens não refletiram sobre os remédios para estes males tanto quanto um homem deveria desejar. Mas, diariamente cada ação má aumentou o mal, um após o outro, crimes surgiram e muitas violações da lei, todas também espalhadas através deste povo. (...) Houve um homem sábio nos tempos dos bretões, chamado Gildas, que escreveu sobre as más ações deste tal povo. Ele contou como, através de seus próprios pecados, os mesmos enfureceram a Deus, a ponto de Ele deixar os exércitos ingleses conquistarem as terras deles e destruírem totalmente as tropas dos bretões. E isto aconteceu, como ele contou, por causa do roubo dos poderosos e das apropriações ilícitas, pela falta de leis entre o povo, pelos julgamentos injustos, pelos bispos indolentes e covardes e pelos perversos pregadores das mensagens de Deus, que realmente silenciaram demais e apenas murmuram com suas mandíbulas aquilo que deveriam gritar. Devido à corrupção e à devassidão do povo, seus excessos, e muitos outros pecados, foram expulsos da terra deles - eles mesmos se destruíram. (BRITO FILHO, 2013; 107-110)

Tolkien emula esta melancólica ideia de mundo arruinado pelo mal e pelo pecado, tal qual podemos ver presente em Wulfstan de York e outros escritos ingleses alto-medievais. Há diversas outras inspirações, medievais ou não - inglesas ou não para o legendário tolkeniano. Porém, como especialista e professor do idioma e literaturas em inglês antigo, pode-se ver as relações indicadas entre a Idade Média Histórica e muitos outros aspectos aos quais mencionamos de forma geral, mas que podem ser melhor detalhados em uma aula que pode explorar o interesse das audiências contemporâneas na medievalidade de fantasia, almejando apresentar a Idade Média Histórica em sala de aula.

Conclusões

O anacronismo pode ser utilizado como ponto de partida para o trabalho do historiador até mesmo para o Professor de História (LORAUX, 1992), desde que o mesmo seja utilizado como ponto inicial de seu estudo ou aula. Porém, há que se balizar o trabalho ou aula por pontos de contato com a História acadêmica, para que não se resvale em um anacronismo relativista. Devido a sua popularidade como matriz da fantasia medieval em livros, filmes, rpgs, animes e videogames, a ficção tolkeniana mostra-se como objeto privilegiado para esta conexão entre o conhecimento acadêmico sobre a

Idade Média e o público mais amplo, especialmente adolescentes. Em Tolkien mistura-se várias camadas de ideias sobre a Idade Média, algumas certamente de origem romântica. Porém, como especialista em literatura da Inglaterra alto-medieval, alguns aspectos de sua literatura ficcional emulam aspectos não da realidade inglesa da época, mas do pensamento da época. Outras pontes fazem-se presentes, como o catolicismo professado por Tolkien e as idealizações que o Romantismo criou para a Idade Média. Porém, a influência não só de forma, mas de conteúdo simbólico sobre as ruínas de uma antiguidade anterior a esta medievalidade, associada à melancolia, recusa da modernidade, em um mundo que está velho criam esta sensação de verossimilhança com um relato medieval, que os escritos de Tolkien criam em sua audiência. Este tipo de cenário de ruínas detalhado, tal qual um elemento cênico de teatro, por vezes passa despercebido diante da aventura que se desenrola em primeiro plano em sua narrativa, mas é fundamental e carregado de significados em sua narrativa. Essa melancolia de um mundo que está prestes a morrer se traduz pela sensação de amargor da cerveja de funeral presente no poema Beowulf mencionado por Tolkien.

Bibliografia

Todas as traduções dos textos em inglês, francês, latim e inglês antigo para o português são do autor do artigo, exceto quando assinalado abaixo.

Obras de J. R. R. Tolkien

TOLKIEN, J. R. R. **The Monsters and the Critics and Other Essays**, Tolkien, C., ed. by. London: Allen & Unwin, 1983.

TOLKIEN, J. R. R. **O hobbit**. [original 1937], [tradução Esteves, L. M. R., Pisetta, A., In Kyrmse, R. E., & In Borges, L. C.] São Paulo : WMF Martins Fontes, [São Paulo] : Yangraf Gráfica e Editora Ltda. 2013. pp. 77-78.

TOLKIEN, J. R. R. **O Senhor dos Anéis** [original 1955]. [tradução Pisetta, A., In Kyrmse, R. E., & In Borges, L. C.]. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

TOLKIEN, J. R. R. **O Silmarillion** [original 1977]. [tradução Pisetta, A., In Kyrmse, R. E., & In Borges, L. C.]. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

Obras sobre J. R. R. Tolkien

- CHANCE, J. (ed. by). **Tolkien, the Medievalist**. London: Routledge, 2003.
- CARPENTER, H. **Tolkien: A Biography**. Boston: Houghton Mifflin, 1977.
- CARPENTER, H. **The Letters of J. R. R. Tolkien**. Boston: Houghton Mifflin, 1981.
- SHIPPEY, T. **J. R. R. Tolkien: Author of the Century**. London: Harper Collins Publishers, 2000, p. 175.
- WICHER, A. **Selected Medieval and Religious Themes in the Works of C.S. Lewis and J.R.R. Tolkien**. Łódź: Scoeitas Scientiarum Lodzienisis, 2013.

Outras obras e fontes editadas citadas

- ALTSCHUL, N. R. e GRZYBOWSKI, L. G. (editores) **Medievalismo(s), neomedievalismo e recepção da Idade Média em períodos pós-medievais. Antíteses**. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Departamento de História. - Programa de Pós-Graduação em História. Londrina, PR. Vol. 13, n. 26, Jul-Dez / 2020 Semestral.
- AMALVI, C. 'Idade Média'. In: LE GOFF, J. & Schmitt, J.-C. **Dicionário temático do Ocidente Medieval**, volume I. Bauru, Edusc, 2006, pp. 523-536.
- ANLEZARK, J. **Water and Fire: the Myth of the Flood in Anglo-Saxon England**. Manchester: Manchester University Press, 2006.
- BATELY, J. M. (ed. by) **The Anglo-Saxon Chronicle**. Cambridge: Brewer, 2004.
- BARROW, J. 'Chester's earliest regatta? Edgar's Dee-rowing revisited', **Early Medieval Europe**, number 10, 2001, pp. 81-93.
- BIDWELL, P; 'A survey of the Anglo-Saxon crypt at Hexham and its reused Roman stonework'. **Archaeologia Aeliana Series 5**, Vol 39 (2010), 53-145 (pp. 131-4).
- BOYM, S. **The Future of Nostalgia**. New York: Basic Books, 2016, p. 28.
- BRITO FILHO, G. L. C. **Níthwundor, terrível maravilha: o manuscrito de Beowulf como compilação acerca do 'Oriente'**. 2014. Dissertação (Mestrado em História Social) – FFLCH- USP, São Paulo, 2014.
- BRITO FILHO, G. L. C. **The relationship between the earthly world, heaven and hell in Oxford, Bodleian Library MS Junius 11**. PhD thesis, Leeds: University of Leeds, 2018.

- BRITO FILHO, G. L.C. “Tradução 'Sermo Lupi Ad Anglos' - O sermão do Lobo aos ingleses de Wulfstan, o homilista”. **Brathair13** (1), 2013, pp. 105-113.
- CERNY, P. Neomedievalism, civil war and the new security dilemma: Globalisation as durable disorder, **Civil Wars**, 1:1, 1998, pp. 36-64.
- COLLINS, C. ‘The Frontier at the End of Empire: Decline, Collapse or Transformation?’, in **Hadrian’s Wall and the End of Empire: the Roman Frontier in the fourth and fifth Centurie**. London: Routledge, 2012.
- ECO, Umberto "Dreaming of the Middle Ages". **Travels in Hyperreality**, translated by W. Weaver, NY: Harcourt Brace, 1986, pp. 61–72.
- DUBY, G. **L’an mil**. Paris: Julliard, 1967, pp. 187-192.
- FERNIE, E. **The Architecture of the Anglo-Saxons**. New York: Holmes & Meier, 1983.
- HAUSER, A. **The Social History of Art, Volume I- from Prehistoric Times to the Middle Ages** [1951], London and New York: Taylor & Francis e-Library, 2000.
- HOLSINGER, B. ‘Neomedievalism, Neoconservatism, and the War on Terror’. **Paradigm**, 29. Chicago: Prickly Paradigm Press, 2007.
- HOWE, N. J. ‘Rome: Capital of Anglo-Saxon England’, **Journal of Medieval and Early Modern Studies**, vol.34.1 (2004), 147-72.
- JARNUT, J. ‘Gens, rex and regnum of the Lombards’. In: GOETZ, H. W.; JARNUT, J.; POHL, W. (orgs). **Regna and Gentes The relationship between Late Antique and Early Medieval peoples and Kingdoms in the Transformation of the Roman World**. Leiden; Boston: Brill, 2003, p. 409-427.
- LE GOFF, J. **História e Memória** [original de 1982]. Tradução Bernardo Leitão. Campinas: Editora Unicamp, 2003, pp. 525-541.
- LORAU, N. Elogio do anacronismo. In: NOVAIS, Adauto (Org.). **Tempo e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. P. 57-76.
- MARAFIOTI, N. **The King’s Body: Burial and Succession in Late Anglo-Saxon England**. Toronto: University of Toronto Press, 2014.
- MILBURN, R. L.P. **Early Christian Art and Architecture**. Aldershot: Scholar Press, 1988.
- PANOFSKY, E. ‘In Arcadia ego: Poussin and the Elegiac Tradition’. **Meaning in the Visual Arts**. New York: Doubleday, 1955, pp. 297–398.
- PANOFSKY, E. ‘Iconography and Iconology: An introduction to the study of Renaissance Art’. **Meaning in the Visual Arts**. Handsworth: Penguin Books, 1970, pp. 51-81.

- PARISSE, M. “Império”. In: LE GOFF, J. & Schmitt, J. -C. **Dicionário temático do Ocidente Medieval**, volume I. Bauru, Edusc, 2006, pp. 607-620
- PEREIRA, M. C. O revivalismo medieval e a invenção do neogótico: sobre anacronismo e obsessões. In: Simpósio Nacional de História, 26, 2011, São Paulo. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História da ANPUH**. São Paulo: ANPUH, 2011.
- SEMPLE, S. **Perceptions of the prehistoric in Anglo-Saxon England: Religion, ritual, and rulership in the landscape**. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- STALEY, L. ‘Writing in the Shadow of Bede: England and the Island Garden’, **The Island Garden: England’s Language of Nation from Gildas to Marvell**. Notre Dame, 2012.
- WEST-HARLING, V. O. ‘The Roman past in the consciousness of the Roman elites in the ninth and the tenth centuries’ In: Pohl, W.; Gantner, C.; Grifoni, C. & Pollheimer-Mohaupt, M. **Transformations of Romanness: Early Medieval regions and Identities**. Berlin: De Gruyter, 2018, pp. 173-196.
- WILLIAMSON, C (ed. by). ‘The ruin’. **The Complete Old English Poems**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2017, pp. 304-305.